

GDF quer fim da ilegalidade

189

Apesar de perigoso, o trabalho nas ruas pode mudar a vida de muitas pessoas. O mineiro Waltair Fagundes da Rocha, 46 anos, vende panos de chão há seis anos e graças a isso conseguiu comprar sua casa em Santo Antônio do Descoberto. Marco Antônio Gomes, 34, aproveitou a experiência no sinal para abrir seu próprio negócio. Depois de quatro meses de trabalho na rua, conseguiu a ajuda da família e inaugurou sua empresa de auto-peças. Hoje, tem duas lojas.

No que depender do governo local, no entanto, essa atividade econômica está com os dias contados. "A nossa intenção é retirar todas essas pessoas das ruas, cadastrá-las e levá-las para a legalidade", afirma Rôney Nemer, diretor da Agência de Fiscalização do GDF. A idéia, explica, é criar oportunidades de emprego para essas pessoas. A tarefa não vai ser fácil. O desemprego no DF atinge 16,9% da população economicamente ativa, o equivalente a 225 mil pessoas (veja quadro). A solução para muitos, obviamente, é a informalidade. As estatísticas, no entanto, mascaram essa informação, pois misturam vendedores ambulantes e trabalhadores liberais na mesma categoria de autônomos.

Para sair da chamada ilegalidade, alguns dos vendedores ouvidos pelo Correio disseram preferir pagar uma taxa ao governo. Waltair faz questão de contar que trabalha por conta própria e compra produtos de empresas do DF pagando imposto por isso. Outros, como João dos Santos, 29, recebem a mercadoria antes de cada dia de trabalho. O difícil é saber qual o melhor caminho para formalizar esses trabalhadores. (LN)